Uma das claves para a transformação da educação está na constatação de que só aprendemos aquilo em que acreditamos e que estas crenças se constroem em sociedade. O que aprendemos na nossa vida se acopla dentro do limiar das nossas crenças quando faz sentido. Se um saber não faz sentido é descartado. No fundo todos sabem disso na própria experiência de viver. A vida nos ensina, dizemos de experiências que mudaram as nossas crenças. Aprender é estender e transformar nosso corpo de crenças. Quanto mais aprendemos tanto mais abertos estamos a uma extensão maior da nossa aprendizagem. Mas isto só é possível na linguagem como o outro, na conversação com o outro (Maturana). O eu só existe em relação ao mundo. É no olhar do outro que me defino.

Isto tem implicações importantes para a educação. Uma é sobre o conceito que Se o que pretendemos ensinar na escola não faz sentido para a vida dos que aprendem não podemos esperar aprendizagem. Podemos

Mas pode ser justamente o desconhecido (isto é, o não reconhecido), o diverso, o diferente, o antagônico, o adverso ou o inesperado que pode perturbar nossas crenças. Todo elemento perturbador amplia nosso campo de experiências que determina nosso corpo de crenças. È possível transformar todas as nossas crenças a partir de uma só experiência. Aprender não é só acoplar o mundo ao nosso corpo de crenças, é também o ato de se acoplar ao mundo, de se adaptar a ele, de ser capaz de viver nele.

Por uma parte podemos então educar as pessoas para aceitar e saber viver num sistema social e uma cultura dada, isto é, educar para acreditar no sistema e assim perpetuá-lo ou estende-lo. A escola pública nasceu para proporcionar trabalhadores capazes de servir à revolução industrial exigida por um sistema moderno. E agora para servir ao sistema pós-industrial. A escola é compreendida como uma fábrica modeladora de recursos humanos para suprir necessidades do sistema, a educação neste caso como uma domesticação em massa. Neste modelo de educação o conceito de “transmissão de conhecimento” faz sentido porque acredita-se numa transmissão de crenças não questionáveis.

Mas por outra parte podemos também educar para estender nossas crenças além dos sistemas e das culturas as quais pertencemos, estender os sentidos criando espaços de subjetivação onde podamos nos explorar como possibilidade, como potencialidade. Quando compreendemos que o conhecimento se constrói, não se transmite, imaginamos as pessoas negociando as formas, os conceitos, imaginamos um fluido de trocas em um mundo cada vez mais diverso, múltiplo e fragmentado.

Partindo da reflexões de John Dewey sobre o valor da experiência estética como experiência do sentido, isto é do que é sensorial e sensível e ao mesmo tempo criador de sentido, podemos afirmar que o conhecimento acontece no encontro entre as minhas crenças e os elementos perturbadores de outras crenças.